

A HUMILDADE DE DEUS:
A HUMANIDADE DE JESUS COMO ECLESIOLOGIA WESLEYANA
Diane Leclerc, *Northwest Nazarene University*

Para Eleanor

Antes de começar a minha discussão sobre Cristologia que pode forçar os limites de alguns a lugares desconfortáveis, parece apropriado declarar um pouco do que eu também creio: creio no Deus Todo-Poderoso, criador dos céus e da terra; creio em Jesus Cristo como totalmente divino e totalmente humano; e creio que o Deus Trinitário é digno de adoração. Tem ocorrido um chamado novo em nosso meio recentemente para colocar a adoração no centro da nossa identidade; acredito que isso seja apropriado. Entretanto, se não formos cuidadosos, podemos fazer suposições sobre quem e por que adoramos. É uma grande tentação, ainda hoje, pensar sobre o nosso Deus como os pagãos pensaram em seus deuses: que Deus exige a nossa adoração para, de alguma forma, apaziguá-Lo. Adoramos para aplacar a ira de Deus para que não sejamos punidos. Por outro lado, é muito fácil fazer a nossa versão das danças de chuva, acreditando que se conseguirmos agradar a Deus o suficiente na nossa adoração, as bênçãos choverão sobre nós. Sendo assim, distorcemos a face de Deus e chegamos a conclusões destrutivas sobre a natureza de Deus.

Há uma grande diferença entre dizer que Deus exige a nossa adoração e que Deus é digno de adoração. É muito fácil trazer o nosso sacrifício de louvor, crendo que Deus ordena esse tipo de sacrifício, às custas de viver vidas derramadas pelos necessitados. Muitos de nós somos familiarizados com as palavras de Amós no capítulo 5: “Eu odeio e desprezo as suas festas religiosas; não suporto as suas assembléias solenes... Afastem de mim o som das suas canções e

a música das suas líras” (5:21-23).¹ Ao invés disso, Deus quer que pratiquemos a justiça. Então, aqui começa a minha proposta. Verdadeira adoração é a adoração ao verdadeiro Deus. Mas quem é o verdadeiro Deus? O Deus cuja característica essencial é amor, é também essencialmente humilde, como revelado na humanidade de Jesus, o Cristo.

Meu desejo aqui é desvendar a figura humana de Jesus através de seis características de sua vida, morte e ressurreição, tudo revelado na humildade de Deus. Dessas declarações teológicas, está a minha esperança de abordar implicações eclesiológicas em geral e para a Igreja do Nazareno em particular.

A Encarnação

Deus tornou-se humano na pessoa de Jesus Cristo. Desde Niceia, temos declarado o paradoxo que Jesus é totalmente Deus e totalmente humano. A encarnação, especialmente na tradição wesleyana, é salvífica em si e de si (a ser discutida abaixo). Vemos um Deus que é, até certo ponto, despojado de poder ilimitado através da escolha voluntária de encarnação do Filho. Há, de fato, uma particularidade escandalosa aqui. Que Deus tornou-se encarnado deveria balançar as fundações de qualquer suposição de Schleiermacher ao dizer que essencialmente todas as religiões compartilham as mesmas sensibilidades sobre o divino. A proclamação de que Deus tornou-se humano e entrou em existência concreta deveria nos chocar nesse molde radical do que os humanos têm percebido e crido sobre Deus. Agora proclamamos que Deus é totalmente e finalmente revelado em uma pessoa. O que a teologia natural fracassou em fazer em sua inabilidade de falar significativamente do caráter de Deus, a revelação especial de Deus em Cristo o faz completamente. Se quisermos saber como Deus é, olhamos para Jesus.

¹ Todas as referências são da NVI a não ser que haja outra anotação.

Lutero explicava a encarnação como uma grande condescendência de Deus para a humanidade. O que eu acho problemático na linguagem de condescendência é que ela pode implicar uma mudança no *modus operandi* de Deus, como se o Totalmente Outro de repente decidisse tornar-se imanente através da encarnação, ou como se Deus colocasse uma carne para esconder Sua Soberania e Onipotência. Eu gostaria de propor que a humildade vista na condescendência de Deus revele a própria natureza de Deus. A questão poderia ser registrada da seguinte maneira: quando Paulo proclama Jesus, que sendo a própria natureza de Deus, humilhou-se, ele estava dizendo que Jesus estava sendo incompatível com a natureza de Deus ou expressando a natureza de Deus? Eu acho que é essencial entender Jesus e seu sacrifício como coerentes com a natureza eterna de Deus. Isto, então, implica que a humildade tem sempre estado no coração das características essenciais de Deus; a humildade demonstrada na encarnação não é alheia ao caráter de Deus.

O Batismo de Jesus

Nos dias de Jesus, o batismo era um método litúrgico pelo qual pessoas não judias ou “tementes a Deus” tornavam-se judias por escolha. O que faz da mensagem de João batista tão radical, e tão ofensiva, é que ele estava chamando os judeus para se batizarem. Isso não aconteceu sem precedente histórico, é claro, pois o “lavar-se” no Velho Testamento era um ritual comum. Em Levítico, Deus instrui as pessoas a se limpem das impurezas, contraída através da exposição a um leproso ou ao toque de um defunto, por exemplo. Mais perto do período do ministério de João Batista, o lavar-se supria as exigências legais de pureza para o ritual de sacrifício no Templo. Entretanto, esses tipos de impurezas não envolviam uma necessidade de arrependimento como na mensagem de João, pois elas eram “pecados” não-intencionais. Elas eram parte de viver

em um mundo “sujo”. Sendo assim, o chamado de João associado com o lavar-se através do batismo com arrependimento verdadeiro, ofendeu os saduceus e os fariseus de forma especial.

Jesus intencionalmente viajou ao Jordão onde João Batista estava pregando arrependimento. De acordo com Mateus, João imediatamente se chocou com o absurdo do pedido de Jesus (Mt. 3:13-14). João havia proclamado Jesus como Messias e como aquele que lhes batizaria com o Espírito Santo e com fogo, sugerindo um batismo mais profundo e mais purificador do que ele mesmo poderia oferecer (Mt 3:11-12). O apóstolo João nos diz que João Batista viu Jesus como o perfeito Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo! Não como um pecador que precisa de arrependimento. Então, ele ficou impressionado com esse Salvador que se submeteria ao batismo.

Como podemos entender o pedido de Jesus? Podemos entender que Jesus usa esse ato de iniciação quando os gentios tornam-se judeus, como um simbolismo de iniciação do Seu ministério oficial. Podemos ver Jesus lavando-se das impurezas que o cercavam, como qualquer pessoa que vive nesse mundo. Entretanto, se focarmos no choque e relutância de João, vemos o pedido de Jesus como um profundo ato de humildade em sua associação com o pecado—ele teria tido aparência de pecador para todos que viram seu batismo pelas mãos de João. Seria isso uma prefiguração do que viria de Jesus? Em sua submissão ao batismo, vemos um coração disposto a submeter-se à cruz—o símbolo do pecado e vergonha. De fato, ele tornou-se pecado por nós. “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado” (2 Coríntios 5:21). Certamente, o pecado não é característica de Deus. Mas, novamente, vemos um Deus disposto a absorver até o pecado nele mesmo, dentro de si, agindo dentro do caráter, e não fora, de Deus. O amor característico de Deus expressa-se na humildade de Jesus em seu batismo.

As Tentações de Jesus

Está além do escopo deste artigo examinar as tentações de Jesus exaustivamente. O que é importante para os nossos propósitos aqui é que elas nos revelam algo sobre a natureza de Jesus. Dias antes de Niceia², uma tentativa para entender a natureza de Jesus foi demonstrada no monofisismo—uma crença de que Jesus Cristo tinha somente uma natureza e que ela era divina. Com isso, ele tinha um corpo humano e uma natureza ou desejo divino,³ então, no seu ser essencial, Jesus Cristo não era totalmente humano. O problema com o monofisismo deveria ficar claro: se for verdade, as tentações de Jesus no Getsêmani e no deserto não foram reais, pois a sua natureza divina não teria dito sim para elas. Seria impossível para ele pecar. O monofisismo nega que ele “como nós, passou por todo tipo de tentação” (Hb 4:15)

Entender as tentações no deserto apoiam a tese deste artigo—que a humanidade de Jesus revela a humildade de Deus. Jesus foi tentado por Satanás precisamente para revelar e agir na sua divindade—para favorecer sua natureza divina sobre a sua humanidade, utilizando seu poder divino para suprir suas necessidades humanas. Ao invés disso, ele escolhe não agir como um Deus poderia agir, mas limita-se escolhendo a obediência e submissão à vontade de Deus no lugar de autoexaltação e autopreservação. É essa humilde obediência que torna-se central na doutrina de recapitulação defendida por Irineu de Lyon.

Recapitulação

A humanidade e a humildade de Jesus brilham fortemente na teologia da recapitulação. Paulo descreve Jesus Cristo como o segundo Adão. (Rm 5:12-21). Adão desobedeceu a Deus e, ao fazer isso, perdeu sua total humanidade. O pecado é uma aberração à verdadeira humanidade.

² E depois na forma de Cristianismo Copta.

³ Ou vontade, como acreditava o monotelismo.

Portanto, quando Adão pecou, ele tornou-se “menos que” humano, menos da forma como a humanidade foi desenhada para ser originalmente. Por outro lado, Jesus é o modelo da verdadeira humanidade, como o novo Adão. Porém, mais que isso, encontramos uma doutrina nascente, mas emergente de *theosis* no esquema de Irineu: Deus havia “tornado-se o que somos, para que Ele pudesse nos fazer ser o que Ele mesmo é”⁴. Entretanto, diferente de Atanásio e outros que seguiram com um entendimento mais totalmente desenvolvido de deificação, é claro que Irineu está nos chamando para abraçar a nossa total humanidade em Cristo, mesmo quando participamos no divino. Isso nos leva a declarar uma premissa muito wesleyana: a santificação é a própria renovação da imagem de Deus em nós. É esse *imago Dei* que nos separa do resto da criação, então, em Jesus, ele revela a imagem em sua forma não distorcida, inalterada pelo pecado. Sendo assim, é o Jesus humano, que é tentado assim como nós somos, que nos mostra a total obediência a Deus e nos capacita a ter essa obediência em nós, através do poder do Espírito Santo. Amar a Deus com todo o nosso ser e nosso próximo como a nós mesmos faz com que a santidade seja alcançada—a santa humanidade—que somos desenhados para incorporar. O amor de Jesus Cristo por Deus e pelo próximo o levou à cruz, que ilumina a humildade de Deus em sua forma mais contagiante.

A Cruz

Na noite em que Jesus foi traído, ele pegou uma toalha e uma bacia e lavou os pés de seus discípulos. O autor do Evangelho exclama que ao fazer isso, ele “amou-os até o fim” (João 13:1). Sabemos que Jesus tomou a posição de servo nesse ato. Geralmente essa descrição é usada para destacar a característica de servo de Jesus. Como a pergunta de Pedro a Jesus sugere (João 13:6),

⁴Irenaeus, *Against Heresies*, Book 5, preface.

esse ato de humildade é supostamente inadequado para um Messias. Entretanto, este ato de humildade liga o lava pés com a submissão no Getsêmani, ao julgamento e a cruz. Jesus poderia ter usado seu senhorio sobre seus discípulos, dito não no jardim, defendido sua causa no julgamento, lutado contra seu flagelamento e rejeitado a cruz. Mas Jesus morre. Jesus, o totalmente divino e totalmente humano morre uma morte humana real.

Nós temos rejeitado teorias que dizem que somente o corpo humano de Jesus morre, assim como temos rejeitado teorias que dizem que Jesus só parecia ter um corpo humano (docetismo). Em tempos mais modernos, temos até rejeitado a rejeição inicial de patripassionismo, e corretamente proclamamos que a cruz foi um evento da própria trindade. Neste sentido, podemos dizer que Deus experimentou uma morte humana.

Contudo, há grande significado no fato de que Jesus, o Humano,⁵ com uma grande e penetrante humildade, tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz. Jesus passou pela totalidade da experiência humana até o seu fim. Essa foi a mais verdadeira expressão da extensão desse amor, que Jesus se esvaziou e entregou sua vida por seus amigos e foi sepultado. Além disso, não podemos esquecer que ele morreu numa cruz—o símbolo mais gráfico e elucidatório de culpa e vergonha naquela cultura. Ele morreu a morte mais humilhante que poderia se imaginar.

Nós proclamamos isso como salvífico, independente de nossa teoria de expiação. O que geralmente não vemos, ou pelo menos não expressamos, é que ele morreu por pecadores, sim, mas em sua humilhação, ele também morreu pelos humilhados. Ele permitiu-se ser agredido, e teve empatia com os agredidos. Ele submeteu-se a uma dor torturante, rejeitou qualquer

⁵ Tradução livre da *Common English Bible*, traduzida como “Filho do Homem” em outras traduções.

analgésico, para entender aqueles em dor. Ele permitiu-se ser vítima para identificar-se com as vítimas de todos os tipos. Para muitas vítimas de violência e abuso, eles estão arrastando-se entre vida e morte—literalmente, talvez; com certeza fisicamente, emocionalmente, espiritualmente. Para muitos, sua questão mais existencial: “Pelo amor de Deus, onde está Deus?” Jesus experimentou o abandono de Deus e pode simpatizar-se com os esquecidos de Deus.

Além disso, a pergunta bíblica mais comum “o que devo fazer para ser salvo?” não pode persistir no campo do eterno que preocupa-se somente com a propiciação do pecado do pecador e oferece uma “recompensa” futura; essa é uma pergunta que tem que ser respondida literalmente, onde a “salvação” literal é sempre o seu comando chefe. Em outras palavras, o significado das palavras “o que eu devo fazer para ser salvo” é radicalmente diferente quando elas vêm de bocas diferentes. Do pecador: como eu posso escapar das consequências eternas do meu pecado? Do contra-pecado: como eu sobreviverei ao horror existencial? Temos clareza: a cruz é o meio de toda a salvação. É também a revelação mais importante da capacidade empática do Deus-Humano que se coloca em solidariedade com aqueles que sofrem e morrem nas mãos dos outros.

A Ressurreição

Ao mesmo tempo em que eu poderia utilizar um grande espaço na profundidade e amplitude do significado encontrado na ressurreição de Jesus Cristo, eu limitarei a minha discussão nos seguintes pontos. Primeiro, enquanto todos nós precisamos da esperança da ressurreição para a vida eterna, há aqueles que especificamente precisam de esperança de uma ressurreição do corpo. Pense em uma criança que foi vendida para um bordel aos quatro anos, que vive em circunstâncias inenarráveis e morre de uma doença contagiosa ou uma violência aos 14 anos. Ela precisa desesperadamente de uma ressurreição do corpo para redimir seu espírito e

seu *corpo* até o fim. De certa forma, seu corpo nunca viveu de verdade, exceto em condições de objetificação perversa de outros, além de um abuso horripilante. A ressurreição de Jesus representa que ele ainda se diminui em amor para erguer aqueles marcados pelos vestígios mais baixos da vida humana.

Segundo, a ressurreição de Jesus é crucial se tivermos que entender que ele continua, até mesmo agora, humano. Jesus, que é Deus, não perdeu sua humanidade quando ressuscitou e ascendeu. Deus, então, continua humano. Além disso, se afirmarmos um Deus eterno agora (que eu sei que entra em debate), então podemos fazer a declaração escandalosa de que Deus sempre foi e sempre será humano. Mas até se não afirmarmos uma eternidade em Deus agora, ainda podemos declarar que Deus sempre será humano. Não podemos nem começar a compreender o nível da unanimidade persistente de Deus com cada situação humana, de fato, com cada humano.

Uma Ecclesologia Cristológica

Dessas perspectivas cristológicas, agora falarei especificamente de sua ecclesologia—o que a humanidade de Jesus nos diz sobre a natureza e as operações da Igreja? O que mais a humanidade de Jesus tem a dizer para a Igreja do Nazareno?

A Encarnação do Humano chama a Igreja para uma humildade encarnada.

Assim como Jesus demonstra a característica de humildade de Deus, nós, como um corpo, devemos demonstrar humildade uns para com os outros e para com o mundo. Temos que nos despojar da luta pelo poder que imita modelos seculares e entender o chamado nas palavras de Cristo que “os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros” (Mt 19:30; 20:16; Marcos 10:31; Lucas 13:30). Como Paulo diz, os membros que são menos honrosos são tratados com especial honra (1 Co 12:23). Na igreja, devemos exaltar o menor, num esforço para afirmar a total igualdade das pessoas. Fora da igreja, temos que ver que a mensagem do evangelho

somente pode ser ouvida se falarmos com humildade e que a nossa prioridade de amor é pelo pobre e oprimido.

O batismo do Humano chama a Igreja para um arrependimento genuíno.

Se Jesus, o Cristo sem pecado, submeteu-se em humildade ao batismo de João e seu chamado para o arrependimento total, não podemos mais resistir a confissão de alguma tentativa distorcida de uma santidade de fachada. É uma clara distorção da teologia wesleyana sugerir que santidade é contra o arrependimento de crentes! É o momento de expandirmos a nossa doutrina do pecado para incluir “transgressões involuntárias”, pecados de omissão e a participação em um sistema maligno, e confessar especialmente os pecados de cumplicidade, e o nosso racismo, sexismo, classismo, consumismo e outras formas de opressão—como indivíduos e como denominação.

As tentações do Humano, nos chama para o enchimento do Espírito Santo.

Assim como Jesus foi tentado a exercer poder de forma inapropriada, temos que reconhecer nossas tentações de fazer o mesmo (Lucas 4:3-4, 9-12). Todavia, não somos largados para superar essas tentações. Lucas nos diz que quando Jesus deixou o deserto para retornar para a Galileia, ele o fez no poder do Espírito (Lucas 4:14). Temos acesso a esse mesmo poder através desse mesmo Espírito. Ainda assim, devemos, temos que, nos lembrar que o poder que recebemos do Espírito é bem diferente do poder do mundo. O poder do Espírito é manifesto na nossa fraqueza. Quando somos fracos é que somos fortes (2 Co 12:9-10). No reino invertido de Deus, felizes são os pobres de espírito, os que choram, os mansos, o faminto e sedento, o pacificador, o perseguido. Vamos orar para que ele “não nos deixe cair [na] tentação” de guardar as nossas inseguranças através de exercícios de autopreservação.

A recapitulação do Humano nos chama a humanidade santa.

O chamado de Deus nunca foi para sermos mais que humanos. Através da recapitulação da humanidade, vemos claramente que santidade é uma parte do nosso ser criado. Fomos criados para sermos totalmente humanos. No pecado, sem esperança e sem Deus no mundo, expressamos a distorção ou perversão do que é verdadeiramente humano. Somente em Cristo somos renovados à imagem de Deus, recuperando a nossa humanidade e colocados no caminho da semelhança de Cristo. Dizer que pecamos porque somos humanos é uma teologia ruim. Pecamos, porque somos menos que humanos. Também é uma confusão completa definir santidade como falta de pecado. Não podemos definir santidade totalmente pela *via negativa*—referindo-se à santidade de Deus ou a nossa. A santidade tem um conteúdo positivo que é o amor. Fomos criados para amar. Quando amamos como Deus designou, somos santos e totalmente humanos. Como denominação, perdemos o alvo quando enfocamos a falta de pecado (sugerindo uma realidade de super humano) ao custo do amor na nossa teologia de santidade.

A cruz do Humano nos chama a solidariedade com aqueles que sofrem.

“Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará” (Lucas 9:23-24). Esses versículos são muito conhecidos por nós, como pessoas de santidade, que acreditam na consagração e entrega como os meios para inteira santificação. E assim, enquanto somos *experts* em negar a nós mesmos, nem sempre entendemos o chamado para tomar as nossas cruzes e o que isso significa. Temos interpretado isso para dizer que temos uma cruz para carregar de tempos em tempos—uma doença para levar ou algum período de angústia pessoal. Esquecemos que a cruz de Jesus foi um sacrifício completo e final pelo Outro. Tomamos as nossas cruzes quando sofremos pelos *outros*! Além disso, não estamos entendendo Jesus se achamos que precisamos perder as nossas vidas *para podermos* nos salvar! A salvação é

um resultado, não uma motivação. O chamado é, então, para derramarmos a nossa vida assim como Jesus derramou a dele—em nome daqueles que não podem se salvar.

A ressurreição do Humano nos chama para a participação na Nova Criação.

A humanidade de Jesus na forma do corpo ressurreto estabelece-se como uma esperança para a ressurreição de corpos humanos. Um dia ressuscitaremos. Jesus disse para Marta: “Seu Irmão ressuscitará”. E Marta respondeu: “Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia”. Em resposta ouvimos: “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11:23-25). Somos o povo da esperança. Como povo da santidade, também devemos afirmar que somos ressurretos para uma vida agora, porque Jesus é a Ressurreição; Jesus já tem nos levantado dos mortos em uma Nova Criação na qual agora participamos. Vivemos no otimismo da graça como povo wesleyano de santidade. Cremos que o poder do pecado foi derrotado e que podemos viver uma nova vida no poder do Espírito aqui e agora. Essa é a exclusividade de nossa mensagem, nosso chamado único. No meio de um mundo em hemorragia, carecendo de sangue, proclamamos a vida dada pelo sangue de Jesus, que ainda nos chama para nos curar completamente. E em humildade nos prostramos para adorar o Divino-Humano, que se curvou diante de nós para lavar os nossos pés e nos fazer inteiros.